

Reanalizando as vogais frontais arredondadas do francês (Calabrese, 2005)

Cíntia da Costa Alcântara

Faculdade de Letras – Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

cintiaca@terra.com.br

Resumo. *Este trabalho propõe uma reanálise das vogais frontais arredondadas do francês, /y ø œ/, por falantes nativos do PB (Alcântara, 1998) – à luz dos pressupostos teóricos de Calabrese (2005), cujas bases se encontram em Calabrese (1995). Fundamentalmente, o novo modelo fonológico traz importantes reformulações acerca das noções de condições de marcação e operações de reparo. As condições de marcação passam a ser interpretadas à luz da escala proposta por Clements (2004) – ‘robustness scale’ – que aponta serem os traços perceptualmente mais salientes explorados antes do que traços perceptualmente menos salientes. A robustez de um traço, segundo seu proponente, é estabelecida não mediante o exame dos traços em si, mas através do exame de contrastes estabelecidos entre traços. Por conseguinte, os contrastes que envolvem traços mais robustos seriam mais freqüentes nas línguas do mundo do que os menos robustos. A partir dessas considerações, Calabrese (2005) assume que uma condição de marcação, composta por pares de traços, não mais salienta o traço marcado do feixe em questão, ou seja, o menos robusto, uma vez que tal informação pode ser depreendida da ‘robustness scale’. Quanto à nova visão de operações de reparo, essas se referem tão-somente a operações básicas da fonologia não-linear – inserção e apagamento, às quais são reduzidos os três diferentes procedimentos de simplificação defendidos pelo autor (1995) – desligamento, fissão e negação. A presente exposição atém-se, não obstante, às condições de marcação e à nova proposta de que a fissão é desencadeada por uma operação de inserção de traços (Calabrese, 2005:144). Os resultados obtidos permitem uma compreensão mais acurada de aspectos concernentes ao processo de aquisição do francês como LE e apontam para a pertinência do modelo proposto por Calabrese (op. cit.).*

Abstract. *This paper proposes a reanalysis of front rounded vowels acquisition in French, /y ø œ/, by Portuguese native language speakers (Alcântara, 1998) – in the light of Calabrese’s constraint-checking theory and repair (2005), whose roots are in Calabrese (1995). Basically, the new theoretical model brings major changes on the notions of marking statements and repairs. Marking statements become interpreted in the light of the robustness scale proposed by Clements (2004) by which more perceptually salient features are exploited before less perceptually salient ones are made use of. The feature robustness is established not by examining sounds but contrasts. Therefore, contrasts involving the most robust features are cross-linguistically more common than those involving less robust ones. According to*

Calabrese (2005), a marking statement – a set of pairs of features – just characterizes a feature configuration as phonologically costly without indicating which feature is marked since this notion is determined by robustness scale. Concerning repair operations under Calabrese's new model of phonology, they simply involve the basic operations of non-linear phonology: insertion and deletion instead of the three different simplification procedures – delinking, fission and deletion (Calabrese, 1995). This paper, however, concerns marking statements and the new treatment of fission which is triggered by an operation of feature insertion (Calabrese, 2005:144). The results point out to a more accurate understanding of issues concerning the French acquisition process as a Foreign Language, and the relevance of the new model of phonology proposed by Calabrese.

Palavras-chave: teoria fonológica; aquisição; língua estrangeira

1. Introdução

As línguas diferem com respeito a seus inventários sonoros. No francês, o arredondamento *versus* o não-arredondamento das vogais frontais [-back], tem caráter distintivo, em contraposição ao português, no qual todas as vogais frontais /i e ε/ são redundantemente [-round]. Assim, a diferença substancial entre o sistema vocálico do português e o do francês é a presença, nesse último, de vogais frontais arredondadas, /y ø œ/, o que tem implicações no processo de sua aquisição por falantes nativos de português. A grande complexidade dessas vogais é confirmada em Maddieson (1984), uma vez que, das 317 línguas do mundo analisadas, 94% delas possuem vogais frontais não-arredondadas, restando somente 6% com vogais frontais arredondadas em seus sistemas vocálicos. Tal dado é de extrema importância, visto mostrar o quão incomuns e complexas são as vogais foco deste estudo.

Segundo Calabrese (1995, 2005), as diferenças nos alfabetos fonêmicos devem-se a diferentes padrões de desativação de condições de marcação. Estabelecer a estrutura de um sistema fonológico envolve, pois, determinar as condições de marcação ativas, ou seja, que bloqueiam a presença de dados segmentos nos inventários, ou desativadas – os segmentos por elas caracterizados são permitidos na língua em questão.

Em se tratando, no presente caso, da aquisição do francês como língua estrangeira (doravante LE) por falantes nativos do português, esses ao se depararem com os sons proibidos da língua francesa têm duas opções: (i) desativar a condição de marcação, incorporando o segmento violador ao sistema, o que acarretará uma maior complexidade fonológica no inventário; (ii) ativar uma estratégia de reparo, ajustando assim a configuração de traços complexa aos padrões da língua.

No presente texto, sob o aparato teórico de Calabrese (2005), propõe-se uma reanálise das vogais frontais arredondadas do francês (doravante VFA), em especial da vogal /y/, cuja variante [ju], na fala de brasileiros adquirindo esse idioma como LE, resultaria da estratégia de reparo *fissão*, não mais nos moldes de Calabrese (1995), como defendido em Alcântara (1998), mas como uma estratégia *desencadeada por uma operação de inserção de traços* (Calabrese, 2005:144). Com respeito às condições de

marcação, há também importantes reformulações, especialmente no que tange ao abandono da noção de traço marcado na coocorrência complexa de traços, uma vez que a noção de traço marcado passa a ser depreendida da *robustness scale* (Clements, 2004). São coocorrência de traços dessa natureza que caracterizam um segmento ou um conjunto de segmentos como fonologicamente complexos, daí ausente(s) de muitos sistemas fonológicos, como é o caso de /y ø œ/, identificadas pela condição de marcação [-back, +round].

Passa-se à apresentação do modelo proposto por Calabrese (2005), com respeito aos aspectos relevantes para o presente trabalho, o qual é também desenvolvido no item que segue.

2. Teoria e análise

A teoria da marcação é uma teoria de custo lingüístico. Um dos módulos que integram a GU é o denominado Módulo da Marcação, o qual determina o *custo de uso* de dadas configurações nas representações. Algumas vezes, o *preço* é muito alto e as configurações têm de ser ajustadas, cabendo também à referida teoria estabelecer o custo das operações que implementam esse ajuste. O modelo proposto por Calabrese (2005) é do tipo procedural. Mudanças fonológicas envolvem ações reais que implementam modificações de uma representação fonológica. Tais ações são governadas por um conjunto especial de instruções, as quais são de dois tipos: (i) *instruções positivas* – formalmente implementadas por regras¹ e (ii) *instruções negativas* – formalmente implementadas por restrições negativas, como as Condições de Marcação/Proibições, de Calabrese (1988, 1995), cuja tarefa é simplesmente marcar dadas configurações como complexas ou proibidas/ilícitas, mas sem prescrever o reparo necessário para ajustá-las ou removê-las, como o fazem as regras. Não obstante, as restrições negativas desencadeiam uma série de operações possíveis, das quais uma é escolhida em uma dada língua.

A formalização do Componente Fonológico no modelo proposto por Calabrese (2005: 36) é apresentado na Figura 1.

¹ Das *instruções positivas*, ou regras universais, o presente trabalho não se ocupa.

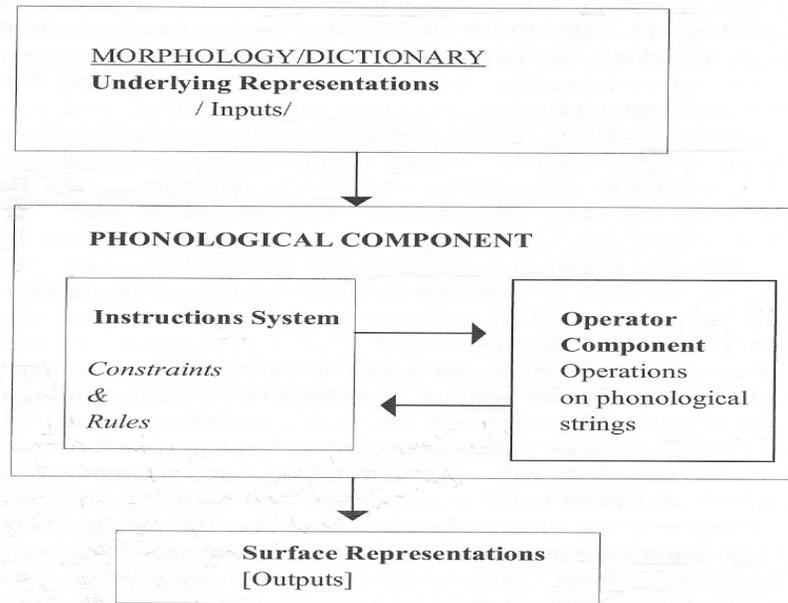


Figura 1. Arquitetura formal do componente fonológico

No Componente Fonológico², o subcomponente mais importante é o Módulo da Marcação – *Instructions (I) System* – que contém restrições (*constraints*) e regras (*rules*). Esse módulo faz uma checagem dos inputs para o Componente Fonológico e identifica aqueles cujas configurações satisfazem às instruções. Essas configurações são rotuladas e, então, o input é enviado ao subcomponente responsável por operações sobre seqüências fonológicas – *Operator Component* –, em que tais configurações são modificadas através da aplicação de operações mínimas, como inserção e apagamento de traços. Esses procedimentos de um módulo a outro podem ocorrer sucessivas vezes ' $\rightarrow \leftarrow$ ' até o ponto em que não ocorrendo as condições para a aplicação das instruções, as operações relevantes, ou reparos, serão aplicados. Contudo, as gramáticas contêm afirmações que estabelecem a ordem de checagem de certas instruções depois da aplicação de outras operações. Isso explica o ordenamento extrínseco das etapas na derivação.

Como mencionado anteriormente, as restrições negativas universais, no Módulo da Marcação, podem ser de dois tipos – *proibições* e *condições de marcação*. As *proibições* sempre permanecem ativas, “**”, o que significa jamais serem violadas translingüisticamente (cf. ** [+high, +low]³). As *condições de marcação* são formalizações que identificam configurações fonologicamente complexas, as quais podem ser encontradas em alguns inventários fonológicos, mas não em todos eles, a exemplo de *[-back, +round]. Tais condições de marcação são as entidades mais importantes desse módulo e estão universalmente hierarquizadas numa ordem fixa.

² Regras e restrições negativas podem ser tanto de língua particular quanto universais. Somente estas fazem parte do Módulo da Marcação da Gramática.

³ Nas *proibições*, o autor convencionou empregar dois asteriscos, a fim de diferenciá-las das *condições de marcação*, em que será empregado um só asterisco, por marcarem configurações complexas, mas passíveis de ser implementadas do ponto de vista articulatorio e ou acústico/perceptual.

Possuem duas funções: a) marcar dadas configurações como fonologicamente complexas ou marcadas; b) marcar configurações como ilícitas. A segunda função vigora somente quando uma restrição está ativa. Configurações ilícitas têm de ser reparadas.

Note-se que em uma gramática faz-se necessária somente informação relativa à desativação das condições, uma vez que o estado natural das condições de marcação é estarem ativas. Desta feita, segmentos ou seqüências segmentais, caracterizados por uma configuração mencionada em uma dada condição de marcação podem ocorrer numa língua se e somente se a condição de marcação relevante estiver *desativada*, pois se se encontrar *ativa*, o segmento ou seqüência segmental relevante estará impedido de ocorrer, é o que se dá em português, pela ausência de vogais frontais arredondadas em seu inventário vocálico.

No que concerne à fonologia segmental, as condições de marcação passam a ser consideradas à luz da noção da *robustness scale*, proposta por Clements (2004), segundo a qual traços perceptualmente mais salientes são explorados antes do que os perceptualmente menos salientes. Essa escala estabelece também que a robustez de um traço é estabelecida pelos contrastes estabelecidos entre traços, não pelo exame dos sons em si. Desta feita, contrastes que envolvem traços mais robustos, ou seja, menos marcados são mais freqüentes nas línguas do mundo do que aqueles que envolvem traços menos robustos, i.é, mais marcados, cujo uso não é preferido nos inventários segmentais. A escala proposta para as vogais é apresentada na Figura 2 (cf. Clements, 2001; ap. Calabrese, op.cit.: 126).

- a. [Low]
- b. [High]
- c. [Back]
- d. [Round]
- e. [ATR]

Figura 2. *Robustness scale*

A posição mais alta na escala, (a), define o traço mais robusto, [low], ou seja, menos marcado e, por isso, envolvido em um maior número de contrastes do que os demais, (b), (c), (d) e (e). E por que dessa escala é depreendida a marcação de um dado traço, a proposta de Calabrese (1995) relativa às condições de marcação para inventários vocálicos é simplificada (Calabrese, 2005), conforme Figura 3.

- a. *[-low, -high]
- b. *[- high, +ATR]
- c. *[+low, -back]
- d. *[-back, +round]
- e. *[+high, -ATR]
- f. *[+back, -round]/[__, -low]
- g. *[+low, +round]
- h. *[+low, +ATR]

Figura 3. Condições de marcação: Proposta reformulada

Assim, todo traço mais à direita de cada feixe de traços que constitui uma dada condição de marcação não mais é apontado formalmente como marcado, por ser o menos robusto e, logo, envolvido em um número menor de contrastes. No que respeita à condição de marcação em (d), relativa às vogais frontais arredondadas do francês, o traço [+round] – *[-back,+round] –, restringe-se a caracterizar uma configuração de traços como fonologicamente custosa – e ilícita se a condição de marcação está ativa, i.é, se o(s) segmento(s) por ela caracterizado(s) é(são) proibido(s) em um dado sistema.

Da mesma feita, a partir da escala proposta por Clements, depreende-se que o uso de traços menos robustos em um sistema implica a presença daqueles que são mais robustos⁴.

Conforme anteriormente mencionado, se uma condição de marcação está desativada numa dada língua, a configuração complexa relevante aparece nesse sistema; caso contrário, está ausente. Por exemplo, os falantes nativos do português adquirindo o francês como LE, em se deparando com as vogais frontais arredondadas desse sistema têm duas opções: i) simplificar o segmento que contém a configuração proibida, *[-back,+round], pela aplicação de um reparo, a exemplo da variante [ju] em lugar da variante alvo [y]; ii) desativar a condição de marcação relevante, admitindo, desse modo, a configuração de traços previamente excluída, [-back,+round], o que viabilizaria o surgimento, no inventário segmental, da vogal francesa /y/.

É importante salientar que, quando uma condição de marcação está ativa, a representação fonológica relevante não pode ser convertida em comandos articulatórios;

⁴ Considerando-se ainda a *robustness scale*, outro aspecto da teoria proposta por Calabrese (1995), pôde ser simplificado, o que concerne ao grau de complexidade das configurações de traços. Contudo, para Calabrese (2005), ainda restam fatos que essa escala não consegue explicar, especialmente pelo fato de que parece haver implicações entre classes de segmentos marcados que não podem decorrer da referida escala de Clements; observe-se, para tanto, o seguinte *ranking*: [-high,-low] < [-high,+ATR] < [+high,-ATR] < [+low,+ATR], o qual não decorre da escala de robustez, dado que é necessário para explicar o fato de vogais baixas [+ATR] requererem a presença de vogais altas [-ATR] e de vogais médias [+ATR] e [-ATR]. Simultaneamente, vogais altas [-ATR] exigem a presença das médias [-ATR]. Em suma, Calabrese afirma que muitas pesquisas precisam ser feitas para reduzir implicações por meio de princípios independentemente motivados.

os procedimentos de reparo, que ocorrem neste caso, têm de apontar para manipulações fonológicas que tornem tal conversão possível. Em outras palavras, se uma configuração de traços, violadora de uma dada condição de marcação, está presente numa representação, então uma operação é aplicada para repará-la. Mais de uma operação pode estar associada a uma restrição. Neste caso, as operações são organizadas numa ordem de preferência, os feixes REPAIRS, como será apresentado neste trabalho. A operação mais altamente hierarquizada é a mais preferida como reparo de uma configuração que viola a restrição alvo, e a primeira a ser aplicada quando uma configuração que viola a restrição é encontrada. Se a derivação que começa por essa operação falhar em produzir a configuração lícita, o próximo reparo hierarquizado será aplicado. Salienta-se que os reparos segmentais – outrora implementados por três diferentes procedimentos de simplificação: desligamento, fissão e negação⁵ (Calabrese, 1995) – são reduzidos a operações básicas da fonologia não-linear: **inserção e apagamento**. Desligamento envolve o apagamento de um valor de traço; fissão envolve inserção. A gramática prescreve qual operação básica é escolhida⁶.

Uma vez que o presente texto se atém à reanálise das VFA, em especial a vogal /y/ e a estratégia de reparo de que resulta a seqüência [ju]⁷, a única operação de que este trabalho se ocupa é a de adição (inserção) de especificações de traços. Em termos do modelo proposto por Calabrese (2005), a complexidade dessa vogal, marcada por uma condição de marcação ativa no sistema gramatical do português, indica que a configuração de traços característica desse segmento vocálico não é facilmente computada/organizada no programa articulatorio de um falante nativo do português, diferentemente do que se passa com um falante nativo do francês. Logo, tal programa se mantém excessivamente difícil para o aprendiz de LE, o qual, ao deparar-se com a configuração de traços caracterizadora da vogal /y/, será incapaz de computá-la/organizá-la em termos articulatorios, uma vez que tal configuração não tem um programa articulatorio correspondente. Por conseguinte, essa configuração tem de ser ajustada no sistema fonológico, de maneira que possa ser processada articulatoriamente. Esse é o reparo que licencia a configuração. O reparo, segundo Calabrese (2005), é a solução que o sistema gramatical oferece ao problema da interface. Em outras palavras, recorrer a reparos gramaticais é a única forma que os falantes têm a fim de lidar com segmentos inexistentes em seu inventário fonológico, exceto aprender como pronunciá-los. A fim de mostrar como esse modelo de reparos segmentais trabalha, observe-se os dados fornecidos na Figura 4 (cf. Alcântara (1998).

| | | |
|------------------------|-------------------------------|----------------|
| <i>Input</i> proibido: | <i>rue</i> | ‘ <i>rua</i> ’ |
| | [-back,+round] | |
| <i>Output</i> : | [<i>rju</i>] | |
| | [-back,- round][+back,+round] | |

Figura 4. *Input* proibido e *output* resultante

⁵ Negação também envolve apagamento, mas o alvo é a configuração ilícita como um todo.

⁶ Todos os outros aspectos de reparo seguirão do *design* intrínseco da língua e também de exigências de economia e outros fatores que não são relevantes para a presente exposição.

⁷ Além dessa variante, Alcântara (1998) também registrou as variantes [i] e [u] relativas à produção da vogal frontal arredondada /y/; contudo, este texto não se ocupa dessas variantes.

O *input* é considerado proibido, pois a condição de marcação referente às vogais frontais arredondadas do francês está ativa no português, conforme apresentado na Figura 5.

*[-back, +round]

Figura 5. Vogais francesas /y ø œ/ e respectiva condição de marcação

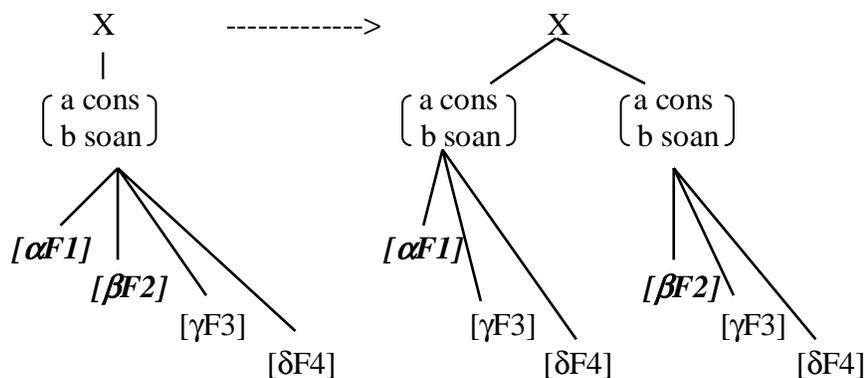
Como a restrição apresentada permanece ativa no português ‘*’ a configuração [-back,+round] tem de ser reparada. Isso se dá pela aplicação da adição de especificações de traços, a qual faz parte das operações básicas, conforme Figura 6.

Adição / apagamento de especificações de traços

Figura 6. Operações de reparo (Calabrese, 2005)

Com respeito à operação de que resulta a variante [ju] por [y], a assunção é de que essa operação envolve simplesmente inserção de traço seguida de uma divisão automática e clonagem⁸.

O aspecto fundamental da fissão, o que a caracteriza em comparação com outros reparos, como o apagamento, por exemplo, é a preservação dos traços da configuração ilícita de *input* na forma de *output*, ao passo que, ao mesmo tempo, essa configuração é corrigida. Nas outras operações, um ou mais traços da configuração ilícita de *input* são perdidos na forma de *output*. A operação de fissão, assumida anteriormente por Calabrese, é apresentada na Figura 7.



onde o conjunto de traços da esquerda contém a configuração de traços [αF1, βF2] não permitida pela condição de marcação/proibição ativa *[-αF1,βF2]

Figura 7. Operação de fissão (Calabrese, 1995)

Calabrese (2005) aponta alguns aspectos arbitrários no procedimento de fissão por ele definido, em sua proposta de 1995, a seguir comentados.

⁸ Conforme defendido pelo autor em trabalhos anteriores, tal mudança segmental, embora não seja comum, caracteriza casos como nos exemplos que seguem, adaptados de Calabrese (2005:141):

- a) i → ui : Na pronúncia do lituano e do finlandês da vogal russa [i]
- b) ã → an / aŋ : Na pronúncia não-nativa de vogais nasais em muitas línguas

- 1) A posição esquelética do segmento alvo não é afetada. Essa propriedade da fissão é uma mera estipulação;
- 2) A maneira como o output da fissão é silabado. O formalismo requer que o output seja um ditongo curto, com uma só posição no tier temporal; porém, em muitos casos, o primeiro elemento é claramente um glide e, logo, tem de pertencer ao onset; daí requerer um slot próprio;
- 3) Outros traços não pertencentes ao feixe de traços incompatíveis não são afetados na mudança. *A priori*, não há razão para tal restrição.

Enfim, o autor assinala como fundamental a possibilidade de uma explicação melhor da operação de fissão se os aspectos levantados pudessem ser derivados independentemente, o que se concretiza com a nova proposta.

Um melhor entendimento da fissão se dá em se considerando o significado original da operação – em termos de operações básicas que estão envolvidas na geometria de traços. Calabrese propõe que a fissão envolve inserção de traços: considerando-se uma dada configuração proibida $^{**}[\alpha F_1, \beta F_2]$, o traço $[-\beta F_2]$, o qual é compatível com $[\alpha F_1]$, é inserido. Fundamentalmente, $[\beta F_2]$ não é apagado. Essa operação cria uma configuração ilícita, à medida que é criada uma configuração violadora de uma proibição contra nós terminais ramificados, na Figura 8.

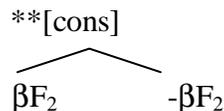


Figura 8. Proibição de nós terminais irmãos

Ao assumir-se que todas as especificações de traços dominadas pelo mesmo nó de raiz pertencem ao mesmo feixe de traços, o princípio apresentado estabelece que as especificações de traços opostas não possam coexistir no mesmo feixe, repelindo-se mutuamente, o que leva a uma divisão automática do feixe de traços em questão em dois feixes, um contendo βF_2 e o outro com $-\beta F_2$ (juntamente com o traço compatível αF_1). O valor de traço que não se uniu com um valor de traço compatível, na operação de inserção de traços, será automaticamente combinado com um traço compatível depois da operação de divisão. Nesse modelo, nenhuma subespecificação de traços é permitida, ou seja, o traço tem de estar sempre especificado. A derivação envolvida na fissão está representada na Figura 9 – $[\alpha F_1]$ e $[\beta F_2]$ são incompatíveis, em virtude da condição de marcação ativa $^{**}[\alpha F_1, \beta F_2]$; esses estão circulados, enquanto o traço inserido aparece circundado por um retângulo.

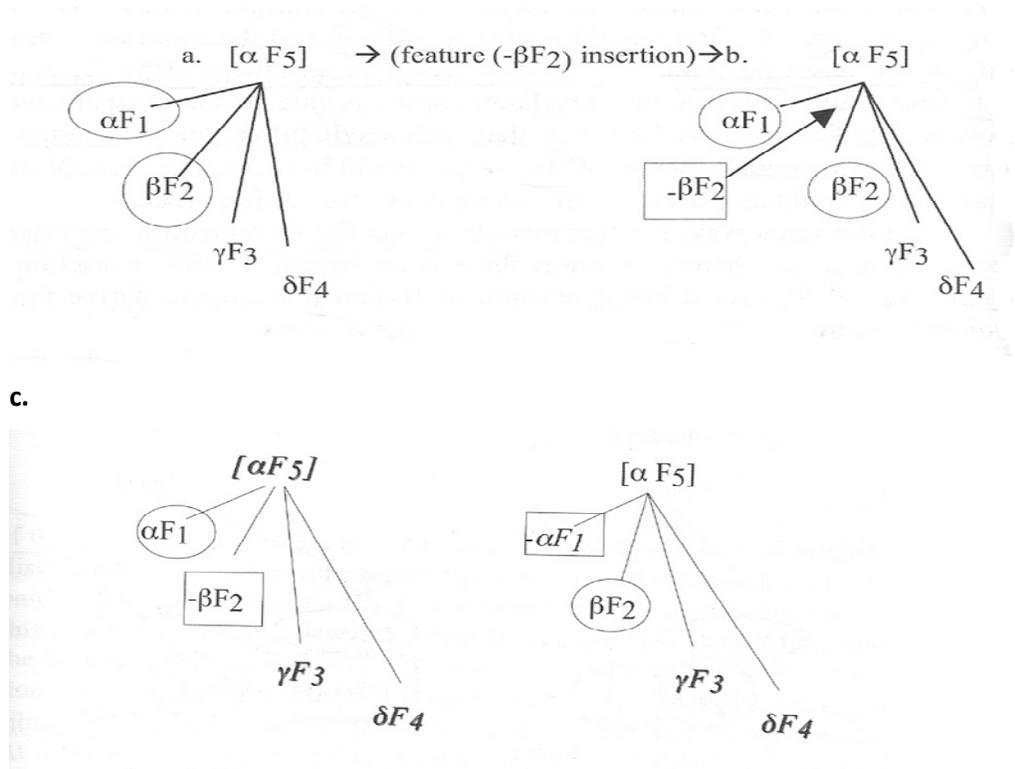


Figura 9. Derivação envolvida na fissão (Calabrese, 2005:144-45)

Em (9a), tem-se a configuração proibida de traços, $*[\alpha F1, \beta F2]$; em (9b), aparece a inserção do traço $[-\beta F2]$, compatível com $[\alpha F1]$; a última etapa, (9c), apresenta uma formalização que é decorrente da violação por (9b) do princípio contra traços terminais ramificados, em (8) apresentado. A divisão ocorre. Um traço compatível é inserido no segundo nó de raiz – traços clonados estão em itálico e negrito.

A fissão de [y] em [ju] é analisada a seguir. A restrição $*[-\text{back}, +\text{round}]$ que proíbe vogais frontais arredondadas no português está ativa. Na pronúncia caracterizada pela fissão, essa restrição está associada com a inserção, como uma operação de reparo. Apresenta-se o conjunto REPAIR relevante, na Figura 10.

Inserção de [+back]

Figura 10. Feixe REPAIR de $*[-\text{back}, +\text{round}]$ na pronúncia de falantes nativos do português brasileiro

A estrutura produzida pela adição do traço [+back] é automaticamente reparada pela reconstituição de feixes de traços bem-formados através da divisão e clonagem, como mostrado na Figura 11, com a representação da vogal /y/ do francês⁹, e da variante resultante, [ju].

⁹ Novamente, os traços incompatíveis do input estão circundados, o traço inserido é circundado por um retângulo, os traços clonados estão em itálico e em negrito.

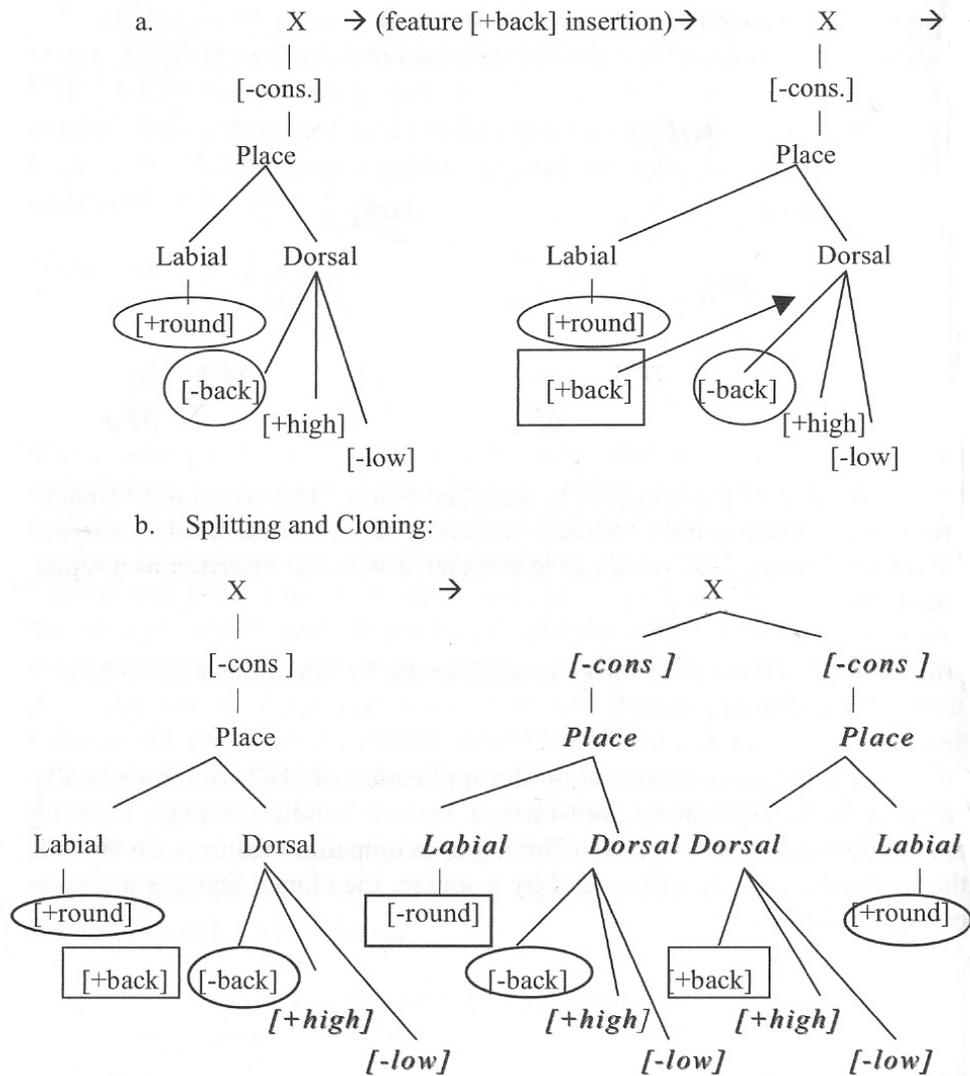


Figura 11. Inserção de [+back] acrescida de divisão e clonagem (Calabrese, 2005:146)

Outras restrições ativas também desempenham um papel na explicação das formas de output da Fissão. Ao assumir-se que uma posição esqueletal é atribuída a um dos feixes de traços clonados, (11b), a seqüência obtida pode ser então ressilabada. Tal movimento, contudo, produz uma estrutura proibida em muitas línguas, dentre elas o português, provocada pela violação da restrição contra raízes não-consonantais ramificadas, apresentada na Figura 12.

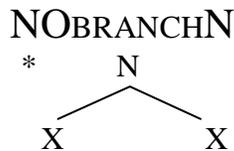


Figura 12. Condição de marcação ativa contrária a núcleos ramificados

A violação dessa restrição desencadeará a aplicação de reparos posteriores. A opção

preferida neste caso é o apagamento da linha de associação relativa ao elemento mais à esquerda, ilustrado na Figura 13.

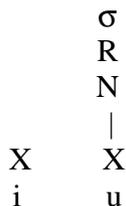


Figura 13. Apagamento de linha de associação

E com a remoção do status de núcleo do elemento mais à esquerda, em etapa posterior ocorrerá a aplicação de uma linha de associação como um novo reparo, que ajusta o [i] não silabificado, resultando a forma [ju], na Figura 14.

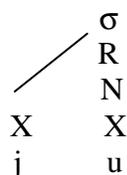


Figura 14. Resultado da atribuição de linha de associação a [i] -> [j]

A fissão é então empregada para explicar a inserção de glide, preservando assim as características básicas da configuração de input.

3. Considerações finais

A presente exposição ateu-se às *condições de marcação*, as quais se restringem a marcar uma configuração de traços como fonologicamente complexa, sem fazer alusão ao traço marcado da coocorrência, uma vez que tal noção é depreendida da *robustness scale*. Quanto às operações de reparo, deteve-se, sobretudo, na nova proposta de que a fissão é desencadeada por uma operação de inserção de traços (Calabrese, 2005:144), de que resulta a variante [ju] da vogal frontal arredondada /y/, inexistente no inventário fonológico de falantes nativos do português, em virtude de sua configuração de traços proibida nessa língua, *[-back, +round]. A nova interpretação dada às operações de reparo permite uma compreensão mais acurada de aspectos concernentes ao processo de aquisição do francês como LE, o que aponta para a pertinência do modelo proposto. Assumir-se que o processo de fissão deva ser interpretado como inserção de traços e posterior divisão do feixe de traços da configuração complexa que caracteriza a vogal proibida em português, [y], em dois feixes sucessivos, cada um dos quais contendo somente um dos traços da configuração não-permitida, permite captar, conforme o próprio autor salienta, o que é mais comum nas línguas do mundo, ou seja, a tendência de se produzirem ditongos a partir de elementos vocálicos que ocupam, cada um deles, posições esqueléticas próprias – e não a produção de um ditongo curto, em que dois elementos pertencem ao núcleo da sílaba, entendidos, logo, como um segmento que projeta uma só posição esquelética, como Alcântara (1998) admite. De tal visão, como se teve a oportunidade de constatar, à luz de Calabrese (2005), resultaria uma estrutura proibida em várias línguas, dentre elas o português, o que é também resolvido sob esse novo enfoque.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. O processo de aquisição das vogais frontais arredondadas do francês por falantes nativos do português. Dissertação de Mestrado, UCPEL, 1998. In: LEFFA, Vilson José. (ed.). *TELA – Textos em Lingüística Aplicada*. Pelotas: Educat, 2000.
- CALABRESE, Andrea. *Markedness and economy in a derivational model of phonology*. Mouton de Gruyter: Berlin, 2005.
- _____. A constraint-based theory of phonological markedness and simplification procedures. *Linguistic Inquiry*. The Massachusetts Institute of Technology, v. 26, n. 3, p. 373-463, Summer 1995.
- _____. *Towards a theory of phonological alphabets*. Doctoral dissertation - MIT. Cambridge, Massachusetts, 1988.
- CLEMENTS, George N. Features and sound inventories. Paper presented at the *Symposium on Phonological Theory: Representations and Architecture*, CUNY, p.1-14, February 20-21,2004.
- MADDIESON, Ian. *Patterns of sounds*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.